



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

POR UMA LÍNGUA “LIVRE A TODOS OS PÚBLICOS: VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL POR MEIO DAS VARIANTES LINGUÍSTICAS

Altierres Santos de Medeiros; Luana Cristine dos Santos Silva; Orientador(a): Josilete Alves de Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – altyerres_sm@hotmail.com; Universidade Federal do Rio Grande do Norte - luhtavares10@hotmail.com; Universidade Federal do Rio Grande do Norte – josileteazevedo@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo principal desse artigo é socializar experiências advindas da prática efetiva do ensino das variantes linguísticas, esta última anexada à disciplina de Língua Portuguesa. Os resultados que aqui serão discutidos é produto das reflexões obtidas durante o período de regência, elemento obrigatório enquanto componente curricular (Estágio Supervisionado) do curso de Letras do Ceres/UFRN – Campus de Currais Novos. A base que serviu de paradigma principal fora um projeto pedagógico, pensando em específico para ser aplicado em uma realidade concreta e contextualizada de ensino e aprendizado. O período de regência ocorreu em um intervalo de dez aulas subsequentes, entre abril e maio do ano corrente em uma escola da rede pública de ensino do município de Currais Novos/RN. Tal projeto pedagógico privilegiou, em seleção temática, a variação linguística enquanto questão principal, haja vista que este conteúdo é por vezes ignorado ou abordado em metodologia lânguida no ensino de Língua Portuguesa. Sua escolha foi mediada pela inerente necessidade de se explorar tal objeto linguístico de forma crítica e responsável em sala de aula. Também acreditamos que seria este um dos conteúdos essenciais para a formação do aluno enquanto cidadão e sujeito crítico-reflexivo da sua própria língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto pedagógico, Língua Portuguesa, Variação Linguística.

INTRODUÇÃO

Diante das atuais concepções de língua, discurso e linguagem adotadas principalmente pela linguística textual e pela pragmática, faz-se necessário ao professor de língua materna repensar a sua metodologia. Tais estudos apontam para uma necessidade inerente aos professores de valorizar os contextos comunicativos e situacionais onde a linguagem se realiza em plano concreto, contestando o uso repetitivo e abusivo de materiais teóricos, como o livro didático, por exemplo, uma vez que a língua não é uma abstração, sendo “muito pelo contrário”, “tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante” (BAGNO, 2011).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Trabalhar com esses pressupostos pragmáticos (a língua em seu uso concreto) é, antes de tudo, considerar a flexibilidade e a mutabilidade existente no sistema linguístico, passando a valorizar suas variações, sejam elas em plano oral ou escrito, uma vez que seus falantes, assim como a própria língua, não são homogêneos, mas, ao contrário, múltiplos e heterogêneos. É a heterogeneidade dos falantes que estimulam as variações na língua, uma vez que são eles que a falam, que a põe em uso, que a modificam de acordo com suas necessidades individuais ou por mudanças ocorridas no contexto sócio político ou cultural.

Tais mudanças que decorrem do uso e que, portanto, são naturais, são muitas vezes marginalizadas pelos próprios falantes. Nesse ponto vemos o incrível contraste causado ainda, entre outras coisas, pela gramática normativa que parece suprimir e ridicularizar as demais formas de expressão da língua. Em um mundo onde língua é poder, são poucos os deslizes que a sociedade nos permite cometer. O que parece que nos falta é compreender que o uso da língua é heterogêneo e pode variar levando em consideração desde espaço físico que você esteja até o seu nível de afetividade para com a pessoa ao qual você conversa.

É extremamente desanimador ainda encontrar escolas que pregam a norma culta da língua passando junto às normas a responsabilidade por parte do aluno em decorá-las. O que ocorre então? A língua que eles estudam na aula não é a mesma que eles utilizam em casa com os pais, com os irmãos, com os amigos na escola. Esse equívoco metodológico só contribui para o crescimento do sentimento de aversão dos alunos para com a disciplina de Língua Portuguesa. Não seria papel da escola transcrever regras, então, mas preparar os alunos para a realidade linguística da sociedade, com seus vários significados e variantes; ensinar aos alunos que a língua não é paciente, mas ativa, que ela varia de contexto em contexto, de eventos comunicativos, de objetivos comunicativos. Só assim a escola deixaria de apenas ditar e começaria a somar.

São muitas as vezes que a própria instituição escolar parece ignorar a rica variedade da língua, causa essa que ainda creditamos a falta de preparo metodológico do professor para abordar tal assunto que, embora comum a todos, seja ainda, infelizmente, tão incompreendido pela sociedade. Visto desse modo, torna-se inerente a necessidade de uma mudança imediata na postura didática do professor responsável pelo ensino de Língua Portuguesa. Muitos estudos já foram e estão sendo desenvolvidos por muitos estudiosos frente à temática da variação, o que já oferece um material considerável para fundamentar qualquer profissional acerca do assunto.

É pensando nessa dificuldade da escola e no déficit linguístico crítico acometido aos alunos, assim como na pouca fundamentação sobre a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

oralidade espontânea no principal documento que rege as práticas docentes e apoiando a indiscutível contribuição que a temática das variantes linguísticas podem agregar ao ensino de línguas que propomos este projeto, cujo principal objetivo fora a valorização das variantes linguísticas, visando contribuir para uma formação linguística íntegra, crítica e consciente ao qual também pretendeu agregar valor na formação cidadã do aluno. Foram propostas reflexões sobre as concepções de língua, atrelando sempre a ideia das variações como aspectos naturais que, ao contrário do que muitos pensam, agregam valor histórico e cultural às línguas.

Como já foi abordado anteriormente, é notável, no âmbito educacional, uma carência nos conteúdos que englobam as variações linguísticas repassados aos discentes, no qual os docentes priorizam apenas a gramática normativa considerada como a “forma correta” da língua e que não corresponde a forma utilizada pela maioria dos falantes no seu cotidiano.

Como afirma Bortoni-Ricardo (2006, p. 14) “a escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado” e também Possenti (1996, p.17) quando afirma que “o objetivo da escola é ensinar o português padrão”. Porém não podemos engegarer diante das inúmeras variantes encontradas no português, no qual está presente cotidianamente na vida dos indivíduos, e principalmente presente na vida dos alunos.

Trabalhar a norma padrão da língua é de suma importância, pois “sem gramática não há língua”. De acordo com Possenti (1996, p. 92) é necessário que o docente explicita ao alunato que existem múltiplas formas de se dizer a mesma sentença e que cada forma é direcionada a propósitos, públicos e ocasiões diferentes. Faraco (2008, p.02) também direciona este dever para o educador:

Cabe ao ensino ampliar a mobilidade sociolinguística do falante (garantir-lhe um trânsito amplo e autônomo pela heterogeneidade linguística em que vive) e não concentrar-se apenas no estudo de um objeto autônomo e despregado das práticas socioverbaís (o estrutural em si).

Com base nas afirmações de Possenti (1996, p.92) e Faraco (2008, p.02) acrescentamos ainda que o professor deve orientar os alunos, deixando claro que em cada situação comunicativa, sendo ela oral ou escrita, deve-se eleger uma forma linguística mais aceitável a determinada a esta circunstância, assim como afirma Bagno (2011, p. 154), quando assevera que nas duas modalidades deve haver um equilíbrio entre os eixos de adequação e aceitação, pensamento esse também defendido pelos PCN quando considera que o ensino de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Varição Linguística contribui para “a formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa.” (BRASIL, 1998, p. 82)

No momento em que a língua materna é explicada aos alunos sem apresentar em sua metodologia as variantes encontradas na linguagem na qual eles utilizam, o professor está contribuindo de forma indireta para o preconceito linguístico. O professor, portanto, deve trabalhar de forma a eliminar esse possível preconceito, explicando aos alunos que a língua é instrumento de comunicação e expressão social, na qual sofre influências culturais, geográficas, históricas, entre outras, que a modifica constantemente. Como encontramos nos PCN nos trechos referentes ao objetivo do ensino fundamental:

[O cidadão deve] conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio brasileiro [...] posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1998, p.7).

Ao se trabalhar com a gramática o professor cumpri, sem sombra de dúvidas, um importante papel na formação linguística do aluno, uma vez que o aluno também deve ser capaz de entender e refletir sobre a própria natureza normativa da sua língua. Todavia, também é necessário estimular o aluno a refletir não tão somente sobre a natureza gramatical, mas também sobre a sua natureza pragmática e social que às vezes extrapolam o limite das definições gramaticais. Com essa fundamentação o discente poderá refletir e indagar-se de maneira crítica sobre sua própria língua de forma a compreender que não há hierarquia entre os usos das variantes, conscientizando-se para combater o preconceito e sendo capaz de adequar a sua linguagem as mais diversas situações comunicativas.

METODOLOGIA

As atividades desenvolvidas foram mediadas por aulas expositivas e dialogadas. O projeto que aqui será descrito fora realizado em uma turma de 9º de uma instituição de ensino público de Currais Novos. Foram apresentados os objetivos, os conteúdos programados, as metodologias assim como as ferramentas de avaliação de aprendizado. A todo instante procurou-se estimular os alunos a conceituar variedades linguísticas com vistas a descobrir seus conhecimentos prévios sobre o tema. O diálogo enquanto estratégia se fez presente a todo momento, discutindo sobre as mais diversas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

variedades linguísticas que a Língua Portuguesa comporta, situando de maneira contextualizada cada tipo de variedade, seja ela regional, baseada na faixa etária, na escolaridade, entre outras. Desse modo, ofereceu-se aos alunos conceitos atuais de variedade e mudança linguística que estão sendo utilizados atualmente pela sociolinguística.

Tivemos a leitura e a exploração contextualizada de textos tanto orais como escritos que trataram de formas particulares de expressão (variedades linguísticas). Com isso, os alunos foram orientados a refletir sobre o caráter heterogêneo da língua, não desvalorizando as tantas variações, sejam elas regionais ou individuais, ajudando-os a perceber que tais variantes são fatores culturais que valorizam a cultura regional, se ilustrando como um patrimônio identitário de uma comunidade, região, etc.

Foram feitas dinâmicas de sala para tornar os diálogos mais interativos e proveitosos. Destacamos como estratégia principal nesse aspecto a divisão em grupos cuja intenção foi reunir os estudantes para que pudessem dialogar, refletir, organizar e reorganizar, se preciso, atividades de leitura, interpretação ou escrita. Esta estratégia também visou estimular o respeito e a autonomia entre os alunos, uma vez que cada estudante, para realizar a atividade, teve que ver o outro como fundamental, encontrando seu papel na equipe e considerando indispensável à função do parceiro, pondo-se em seu lugar na maioria das vezes. Além de quebrar com academicismo tradicional, esta estratégia também promove aulas mais participativas, onde os alunos podem opinar durante o desenvolvimento da prática educativa.

O desenvolvimento do projeto também contou com leituras compartilhadas de textos, leituras silenciosas, interpretação de textos variados com a temática da variação como parte integrante do seu eixo temático, buscando promover um ensino centrado na conscientização, onde os alunos puderam realizar em prática o que se passa fora da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta possuía enquanto objetivo principal o valorizar das variantes linguísticas como reflexo de uma língua que se caracteriza por ser uma entidade tipicamente social e, logo, mutável e heterogênea. Buscou-se, a todo momento, propor metodologias que deixassem explícitas as relações claras e diretas entre língua e cultura, sendo a última fator de forte influência na primeira.

As variações são, portanto, reflexo da cultura de um povo/sociedade, não podendo ser inibidas ou ignoradas tal como prescrevem alguns gramáticos que buscam, sobretudo, a padronização do falar brasileiro. As variações refletem a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

necessidade intrínseca das línguas de mudança e evolução. As línguas evoluem, e assim o fazem se apropriando das práticas culturais dos falantes.

Não houve qualquer consideração negativa quando tal temática fora pensada para ser adaptada para as aulas de regência. Esse conteúdo é imprescindível tanto para a formação linguística como cidadã. Um aluno que reconhece a importância e os fatores que levam à variação linguística será capaz de refletir sobre a natureza não só de sua língua, mas da linguagem. Com certeza será capaz de repudiar com argumentos embasados e contextualizados qualquer tipo de preconceito linguístico, sendo este em qual esfera for.

Tal temática é também, portanto, conteúdo indispensável para a educação e formação ética, ao qual esclarece a importância do respeito e da dignidade.

Após realizado tal projeto podemos concluir que trabalhar a língua no seu uso real, considerando sua versatilidade e mobilidade, faz com que valorizemos as variações presentes nas duas modalidades da língua (oral e escrita), estimulando o aluno a reconhecer a heterogeneidade típica da língua, na qual modifica-se de acordo com as necessidades e as características sociais dos falantes.

Porém, ainda nos deparamos com escolas que pregam um ensino puramente embasado nas regras gramaticais, tratando a norma culta como a única forma existente da língua, além de trabalhar com metodologias que incentivam a “decoreba”. Dessa forma, os alunos passam a estudar uma língua que difere da utilizada no dia a dia, com amigos, familiares, entre outros, distanciando e desprezando as variedades dos alunos e contribuindo para um ensino descontextualizado e coercitivo de Língua Portuguesa.

Dessarte, o papel da escola não é apenas repassar as regras existente na gramática do idioma, mas capacitar o alunato para compreender a realidade pragmática da língua. Assim, os falantes em formação poderão refletir criticamente tanto sobre a esfera normativa da língua, quanto sobre sua esfera pragmática e social, que, em alguns casos, não seguem as regras impostas pela gramática.

Com isso o discente adquire uma visão crítica sobre sua língua materna, percebendo que não existe hierarquia entre as variantes e sim situações comunicativas que exigem uma adequação da linguagem decorrentes de certas categorias como o grau de intimidade, a intenção comunicativa, entre outros fatores, neutralizando a natureza preconceituosa que infelizmente existe sobre as múltiplas formas de expressão.

CONCLUSÕES

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

De acordo com Scherre (2005, p. 42) um dos maiores desafios do atual ensino de língua portuguesa é renovar-se teoricamente frente à questão do preconceito linguístico, produto direto de um ensino que se reporta aos postulados da escola tradicional. Tal método de ensino parte de uma perspectiva prescritiva, coercitiva e gramaticalmente normativa. O resultado de tal abordagem é um ensino totalmente descontextualizado face ao universo pragmático da linguagem, privando os alunos de uma reflexão frente ao uso real da língua nas mais diversas situações e nos mais variados níveis sociais dos falantes.

Como consequência dessa abordagem tradicional surge a chamada intolerância linguística, esta diretamente baseada em uma perspectiva tradicional da língua. Ao adotar uma espécie de modelo padrão para o utilizar da língua, tal intolerância gera a exclusão indébita de todo falar que não siga o paradigma do “bom expressar”, ou seja, expressar-se seguindo todas as normas coercitivas da Gramática Normativa. Tal exclusão resulta em um sentimento de insuficiência e incapacidade aos falantes em formação, que, por dominarem uma outra variedade da língua - a de seu cotidiano, de seu grupo e círculo social – passam a inibir a sua participação social por meio da língua, acreditando piamente que não são capazes de se comunicar por não dominarem a variedade padrão ditada pela Gramática Normativa.

De encontro à tais assertivas, Luft (2002, p. 21) assevera que um ensino de gramática prescritivo e descontextualizado, limitado em seu abranger e, logo, não sendo capaz de abordar todos os níveis de expressão da língua, “abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo.”

O projeto pedagógico aqui comentado fora planejado em controvérsia direta à essa abordagem descontextualizada de ensino de Língua Portuguesa. Ao propor uma intervenção contextualizada e dinâmica, trouxe-se para a sala de aula uma proposta de ensino que pudesse motivar os alunos, sendo este um dos fatores mais importantes para o processo de ensino – aprendizado. Partiu-se do raciocínio democrático que:

Todas as variedades da língua são valores positivos. Não será negando-as, perseguindo-as, humilhando quem as usa, que se fará um trabalho produtivo no ensino. Nem se mudarão em nada esses usos de níveis culturalmente inferiores, como alguns equivocadamente pensam. Cada falante fala como sabe e consegue falar, não como ele ou outros desejariam que falasse. (LUFT, 2002, p. 69)

O projeto desenvolvido também apoiou-se nas considerações unânimes e irrevogáveis onde acreditou-se que “ensinar gramática é ensinar a língua em toda a sua variedade de usos, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso.”

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(POSSENTI, 1996, p. 86) Fazer valer a força de tais palavras é acreditar que o ensino de Língua Portuguesa não deve ser descontextualizado ao universo de uso da língua, ou seja, da utilização da língua em seu contexto social de uso.

Por meio de tal projeto, puderam os alunos perceber que se é totalmente possível estudar a língua de forma mais liberal e igualitária, servindo-se sempre da variedade linguística dos alunos para desenvolver as reflexões didáticas, não as ignorando, portanto. A variante padrão foi posta ao lado de outras tantas, mostrando aos alunos que existem diversos modos possíveis de expressão dependendo da situação comunicativa que eles possam vir a participar.

Nesse sentido, pode-se atribuir enquanto contribuição principal do projeto desenvolvido o oferecer aos estudantes uma oportunidade dinâmica para que desenvolvam a consciência linguística tão necessária à competência comunicativa, utilizando metodologias e materiais atuais e críticos na tentativa de amenizar a ocorrência do preconceito linguístico na comunidade escolar.

Com tal fundamentação é quase nula a possibilidade de não vir o aluno a desenvolver seu senso crítico, passando a refletir sobre a natureza da linguagem sabendo compreender e respeitar as mais diversas variações que ocorrem em decorrência de fatores sociais, regionais, políticos, econômicos, culturais, entre outros. Corroborando do raciocínio de Geraldi (1996, p. 64) acreditamos que só:

Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá o seu sentido.

REFERENCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é como se faz. Rio de Janeiro: Loyola, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** 2. ed. São Paulo: Parábola, 2006.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:

Língua Portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino:** exercícios de militância e divulgação. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade.** São Paulo, SP: Ática, 2002.

POSSENTI, Sirio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação linguística, mídia e preconceito. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.